

12548 - A trajetória do movimento estudantil na construção da agroecologia

The trajectory of the student movement in the construction of agroecology

VON WAGNER FAGUNDES, Alessandro¹; ANTONINO FARGNOLI, Coulbert²

1 Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), Grupos de Estudos de Agricultura Ecológica (GEAE), Universidade Federal do Paraná (UFPR), ale.vonwagner@gmail.com; 2 FEAB, Grupo Agroecológico - GAUFC, Programa Residência Agrária, Universidade Federal do Ceará – UFC, coulbert@hotmail.com

Resumo

O tema “agroecologia” tem merecido crescente reconhecimento nos últimos anos, tanto nos meios em que atuam os movimentos sociais, principalmente as Organizações Não-Governamentais (ONGs), como também mais recentemente no meio acadêmico, às vezes como proposta de “novo paradigma”, outras de forma equivocada como novo formato tecnológico de produção na agricultura.

Há muitos anos formam-se organizações, compostas majoritariamente por estudantes, hoje chamados de Grupos de Agroecologia (GA's), em diversas Universidades do país. Em 2005, iniciou a articulação entre os grupos de agroecologia e organizações do Movimento Estudantil. Nesse processo se aproximaram diversas entidades agroecológicas na construção de ferramentas, como o Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia (ENGA), e também outros espaços de formação e articulação de caráter nacional, com a pretensão de acumular na elaboração de uma plataforma política mínima que possa contribuir na convergência entre as diversas organizações que constroem a Agroecologia.

Palavras -Chave: Grupos de Agroecologia, Movimento Estudantil, Universidade.

Contexto

Há algum tempo a humanidade vêm buscando estabelecer estilos de agricultura menos agressivos ao meio ambiente, tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica ocorridos já no início do século XX. Em diversos países, passaram a surgir as agriculturas alternativas, com diferentes denominações, orgânica, biológica, biodinâmica, permacultura etc., e cada uma delas seguindo determinados princípios, tecnologias e filosofias, segundo as correntes a que estão aderidas. Não obstante, na maioria das vezes, tais alternativas não conseguiram dar as respostas para os problemas socioambientais que foram se acumulando como resultado do modelo convencional de desenvolvimento e de agricultura que passaram a predominar, particularmente, a partir da II Grande Guerra, e depois com a Revolução Verde na década de 1960.

Neste ambiente de busca e construção de novos conhecimentos, nasceu a Agroecologia, como um novo enfoque científico. Esta contestação ao modelo convencional ganhou força e passou a atuar em diferentes espaços da sociedade, entre eles a Universidade. Muitas

dessas iniciativas estão vinculadas a estudantes que se organizam em Grupos de Agroecologia (GA's) e em outras entidades do Movimento Estudantil (ME), que vêem a Agroecologia como um conjunto de ciências que visam à construção de uma nova sociedade.

A Agroecologia se diferencia das demais correntes de Agricultura Alternativa porque não consiste apenas em um conjunto de técnicas, ela tem uma perspectiva mais ampla de direcionamento do social, do econômico e político, que ultrapassa a “técnica” em si. A agroecologia surgiu, na concepção de Assis e Romeiro (2002), como uma resposta às críticas direcionadas às diversas correntes de agricultura alternativa, acusadas de ser uma tentativa retrógrada de volta ao passado na agricultura, proporcionando assim maior sustentação teórica e metodológica aos procedimentos recomendados. Nesse sentido, não se pode identificar a agroecologia com alguma corrente da “agricultura ecológica” visto que aquela tem como princípio atender as diversas dimensões da sustentabilidade, ou seja, as dimensões ecológica, econômica, social, cultural, política e ética.

Uma ciência “não neutra”, a serviço das demandas populares, faz crítica ao modelo de desenvolvimento, ao agronegócio e as transnacionais, questionando suas tecnologias, integrando várias áreas do conhecimento para elaborar propostas para o desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, podemos identificar novos atores que estão construindo a agroecologia, principalmente a partir do ano 2000, passando a ser uma importante ferramenta para os movimentos sociais. Como exemplo a Via Campesina, movimento social internacional que coordena organizações camponesas, e no movimento estudantil, a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), organizações do movimento estudantil que compõe a Via Campesina, possui um Núcleo de Trabalho Permanente em Agroecologia (NTP Agroecologia) e promove encontros, cursos, seminários e diversas outras atividades em torno dessa temática. O Movimento Sem Terra passa a discutir a Agroecologia como matriz tecnológica assim como os outros movimentos que também compõem a Via Campesina passam a reconhecer a importância desse tema. Novas organizações nascem no século 21 como fóruns, redes e articulações no cenário da Agroecologia. A ANA, Articulação Nacional da Agroecologia, é a principal rede nacional de movimentos sociais e organizações da sociedade civil voltadas a promoção da agroecologia nas distintas regiões do país, resultado de um processo de articulação social e política em 2002.

Os Encontros Nacionais de Agricultura Alternativa (EBAA's) ocorreram na década de 1980, dando oportunidade do surgimento de diversas ONG's e organizações. Eram primeiramente promovidos pela FEAB e FAEAB e posteriormente as ONG's e Movimentos Sociais como MST, CUT, FASE e AS-PTA. Tinham um perfil conquistador, politizado e claro de enfrentamentos com relação ao projeto de desenvolvimento, surge questionando o pacote tecnológico, e este questionamento deu-se com forte fundamento técnico.

Não era só o modelo técnico que entrava em questionamento, mas sim, todo um projeto de desenvolvimento. Com uma participação muito heterogênea, não apenas pessoas consideradas revolucionárias de esquerda, mas algo muito amplo. Esse novo modelo tecnológico alternativo começou a ter fortes resistências no campo político. Com as

concepções técnicas bem consolidadas neste grupo, teve-se também identidade política de enfrentamentos.

No III EBAA, Cuiabá em 1987, criou-se um Fórum de Coordenação dos Movimentos de Agricultura Alternativa em função o grande número de entidades que surgiram. Foi o auge das participações das Organizações, sentiu-se a necessidade de organizar um Fórum Nacional que articulasse estes diferentes atores sociais que estavam surgindo. As organizações começaram avançar e deixando as discussões da FEAB um pouco de lado, e a FAEAB passa para a direção de conservadores extremamente retrógrados (1989/1990), e por concepção ideológica, não aceitaram a Agricultura Alternativa, mas pelo contrário, promoviam a “Agricultura Moderna”.

Defendia-se a criação de uma “grande” ONG que abraçasse todas as outras e que tivesse unidade em um modelo de desenvolvimento alternativo. Houveram muitas divergências a nível de direção. Durante o IV EBAA, em Porto Alegre, 1989, consolidou-se essas divergências, e muitas instituições se afastaram.

A FEAB defendia que o EBAA deveria ser consolidado, a Coordenação Nacional da FEAB de 91/92 fez um projeto com o apoio prefeitura municipal de São Paulo, com a intenção de realizar o V EBAA na capital paulista. O financiamento esperado era de uma Fundação alemã não ocorreu, e ainda suspeitava-se de um boicote das ONG's e com a entidade co-irmão a FAEAB passando a ser contra a proposta da agricultura alternativa, o V EBAA nunca aconteceu. Com essas limitação, a FEAB, inicia a construção do Seminário Nacional de Agricultura Alternativa (SNAA), que aconteceu em 1996 e teve participação em torno de 200 pessoas e mais de 40 entidades.

Dessa forma no lugar de se articular a nível nacional em encontros com 3 a 4 mil pessoas a FEAB passa a promover os ERAA's (encontro regionais de agricultura alternativa). No Ano de 2000 no ERAA de Nordeste, realizado em Fortaleza, é o coroamento de um processo de acúmulo da concepção da temática, onde os encontros regionais de Agricultura Alternativa passaram a se chamar: Encontros Regionais de Agroecologia – ERA.

Durante o Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia (CONEA) em Belém em 97 a estrutura da FEAB foi alterada profundamente. A deliberação pelo socialismo e o entendimento desta como pauta máxima tangeu naturalmente todos os outros debates. O debate da Agricultura Alternativa, que já se apontava próxima aos moldes atuais da Agroecologia, ficou resguardado em uma estrutura específica, e não mais como eixo orientador transversal, como se era de esperar com a evolução dos conceitos da Ciência Agroecologia. Nesse momento o debate da Agricultura Alternativa foi deixando de ser pauta central e unificadora, o central passou a ser o Socialismo, tendo a Agricultura Alternativa apenas como meio de se alcançar uma sociedade justa e igualitária.

Ao passo que contraditoriamente a essa tendência hegemônica, setores que se referendava na Federação, mas que gozava de maior autonomia (Grupos de Agroecologia), avançavam na direção da construção de uma Ciência sólida e com marcos

teórico forte e diferencial da Agricultura Alternativa e que se propunha a alçar voos maiores na concepção de desenvolvimento de sociedade.

Descrição da experiência:

As organizações compostas majoritariamente por estudantes, hoje chamados de Grupos de Agroecologia (GA's), sediados em diversas Universidades do país, como o GAE/UFRRJ em Seropédica/RJ, IARA/UFRA em Belém/PA, UVAIA/UFRGS em Porto Alegre/RS, GAUFC/UFC Fortaleza/CE, GEAE/UFPR em Curitiba/PR e diversos outros, iniciaram um processo de articulação de grupos de agroecologia dentro dos espaços da FEAB.

No decorrer do processo de ampliação da atuação dos GA's, alguns deles vêm discutindo a necessidade de cursos de formação, encontros e aproximação com a ANA. Um exemplo foi a reunião paralela ocorrida no 49º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia (CONEA), estando presentes diversos GA's. Tais propostas foram retomadas em 2007 no 50º CONEA (Aracaju/SE), quando o GEAE/UFPR assumiu o Núcleo de Trabalho Permanente (NTP) de Agroecologia da FEAB, ano em que além das discussões em torno de um Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia (ENGA), também foi realizado em dezembro o I Curso Nacional de Formação em Agroecologia (I CFA) em Piracicaba/SP.

O GEAE e a FEAB passam a desenvolver uma série de atividades voltadas a qualificar a comissão organizadora do I ENGA, como relata a Notícias da ABA-Agroecologia - N.9 - Março 2008: *“O Grupo de Estudos de Agricultura Ecológica e NTP Agroecologia - FEAB, de Curitiba, está construindo um PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO EM AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, que vai durar 18 meses, iniciando com um curso de capacitação do dia 12-17 de maio de 2008, e terminando no I Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia junto com o Congresso Brasileiro e Latino-Americano de Agroecologia, outubro de 2009 em Curitiba.”*

No 51º CONEA, o Grupo IARA/UFRA assume o NTP de Agroecologia da FEAB, com objetivo de dar continuidade na construção do ENGA, construindo um espaço para discussão dos GA's durante o Fórum Social Mundial 2009 em Belém/PA, em que as principais pautas eram o ENGA e o VICBA/IICLAA, reunindo em torno de 100 pessoas. Nesse mesmo ano teve o II CFA, em que parte da comissão organizadora do I ENGA teve a oportunidade de participar e avançar numa proposta nacional para o encontro, uma vez que diversos dirigentes das executivas de cursos e Grupos de Agroecologia estavam presentes.

O primeiro ENGA foi em 2009, FEAB junto a Via e grupos de agroecologia (Gas), reunindo mais de 500 pessoas, mas com um problema central: não tinha um objetivo central, um acúmulo nacional em torno do que é essa ferramenta e tão pouco essa proposta estava enraizada nas organizações. Isso nos levou a um descompasso dentro da organização. Diante desse processo o II ENGA foi mais reduzido e despolitizado, levando a novas reflexões sobre os diferentes sujeitos que hoje constroem a Agroecologia.

Em 2011 ocorreu o III CFA e dessa vez com o sujeito bem definido, os militantes das organizações proponentes (FEAB, ABEEF e ENEBIO) sem um apontamento de para uma convergência política mais ampla, que contemple os diversos sujeitos, organizações e concepções políticas para construção de uma plataforma mínima para agricultura e que contribua numa síntese em torno no Movimento da Agroecologia.

Está em discussão a organização do III ENGA, a ser realizado em Fortaleza/CE, numa proposta parecida com o I ENGA, um espaço que antecede o VII CBA, e que busca maior articulação política entre os diversos setores e entidades que constroem a Agroecologia.

Resultados

Coloca-se cada vez mais a necessidade de incentivo a estes grupos, coletivos e organizações de estudantes para que avancem e possam atuar na elaboração de uma matriz tecnológica capaz de construir a sustentabilidade de nossos sistemas produtivos. É importante que se incentivem eventos, discussões, estudos, e trocas de experiências para que haja uma maior aproximação da realidade da agricultura familiar com a Universidade.

Nossos esforços devem vir no sentido de fomentar a elaboração de um projeto político que pautado agroecologia como eixo central a nível nacional, trabalhar a formação teórica, nos apoiando em vários autores, e também para entender de que maneira esta se relaciona com outras dimensões do conhecimento como relações de gênero, espiritualidade, soberania alimentar, papel do Estado, agrocombustíveis e biotecnologia, e diversas outras. Também devemos potencializar a formação prática e profissionalizante, estabelecendo experiências com agricultores, através dos projetos de pesquisa e extensão das universidades.

As organizações devem dar continuidade no processo de acúmulo interno, traçando políticas claras de atuação de maneira convergente, favorecendo o fortalecimento de todos os agentes de transformação, e que as diferentes bases epistemológicas consigam trabalhar em sincronia, construindo espaços de sínteses político filosóficas, num momento em que pouco avançamos em nosso programa político unificado.

Os Encontros (ERA's, ENGA, entre outros) devem retomar os sentidos de espaço acumulativo, pautando o ENGA como ferramenta fundamental na construção da agroecologia, como um momento de articulação com outros setores do Movimento Estudantil, esperando a sensibilidade das organizações que protagonizam o debate da agroecologia na importância que o Movimento Estudantil tem como protagonista da construção do conhecimento Agroecologia e sua inserção como pauta política.